

O Ti Toino

Meneses (ou Menezes) é um sobrenome toponímico ibérico e assim (Ti Toino) era chamado o meu avô António Menezes. Não há consenso quanto ao local de origem, alguns acreditam que seja uma alusão ao vale de Mena, em Burgos, enquanto outros afirmam ser referência a Meneses, na província de Palencia, na Espanha. Deste último lugar vem o sobrenome Dom Telo Peres de Menezes, filho de dom Pedro Bernardes que, segundo se acredita, descende dos reis godos de Leão (nos séculos 9 e 10). Dom Telo, ou Telles, viveu no tempo dos reis D. Afonso VIII de Castela (1155-1214) e D. Afonso IX de Leão (1171-1230), sendo mencionado como senhor de Menezes em 1181. Seu filho D. Afonso Telles de Menezes, famoso na luta contra os mouros na Andaluzia e no Marrocos, deu seguimento ao sobrenome e também ao nome de família Albuquerque.

Em 1661, D. António Luís de Menezes (1603-75) recebeu o título de Marquês de Marialva, usado por seus descendentes até 1826, com a morte do sexto marquês, D. Pedro José Joaquim Vito de Menezes (1775-1823), conselheiro de Estado de D. João VI.

Acredita-se não ter deixado descendentes directos embora se suspeite de filhos bastardos e alguns com bastante relevo na Corte.

António Luís de Meneses (Cantanhede, 12 de Dezembro de 1596 — 16 de Agosto de 1675), 1.º Marquês de Marialva e 3.º Conde de Cantanhede, foi um fidalgo e militar português, Senhor de Cantanhede, de Cerva, de Marialva, de Medelo e de São Silvestre, do Conselho de Estado e do Conselho de Guerra, Vedor da Fazenda, Ministro Assistente no Despacho, Governador de Setúbal, de Cascais e da Estremadura, Comendador de Santa Maria de Almonda, São Romão de Bornes e São Cosme de Ázere, na Ordem de Cristo.

Foi um fidalgo militar que se destacou na guerra para a restauração da independência de Portugal de 1640 sendo, inclusivamente, nomeado coronel no próprio dia da aclamação do rei D. João IV em 1 de Dezembro daquele ano. Os seus feitos militares prolongaram-se por mais 28 anos, na manutenção da defesa de algumas praças fortes alentejanas, até à assinatura do tratado de Lisboa em 13 de fevereiro de 1668 onde se reconhece a referida restauração da independência. Pelo contributo que deu chamavam-lhe O Libertador da Pátria.

D. António Luís de Menezes, 3º Conde de Cantanhede e 1º Marquês de Marialva, terá nascido no início do século XVI e faleceu em 16 de Agosto de 1675.

Nobre dotado de apurada formação militar, foi um dos mais importantes vultos da Restauração de 1640, tendo-se notabilizado no comando das tropas portuguesas nas batalhas das Linhas de Elvas e Montes Claros, que impediram a entrada dos exércitos castelhanos em território nacional. Os seus feitos militares valeram-lhe o título de Marquês de Marialva, por decreto de 11 de Junho de 1661, e exerceu os cargos de Conselheiro de Estado e de Guerra, Vedor da Fazenda Real, Ministro do Despacho, Governador das Armas de Lisboa, Setúbal, Cascais e Estremadura, e

Capitão-General da Província do Alentejo. Em 1669 foi nomeado Procurador das Cortes de Lisboa por uniforme sufrágio do povo e da nobreza.

Há uma estátua que o representa, montado a cavalo, inaugurada em 23 de maio de 1999 na sua terra natal, e que foi criada pelo escultor Celestino Alves André (n.1959).

Foi um dos elementos mais activos para a Restauração da Independência (1640), sendo um dos Quarenta Conjurados, dela tomando parte desde a fase da conspiração, até às negociações do Tratado de Lisboa (1668) que encerrou a guerra com Castela, do qual fez parte.

Em 1641, participou na defesa da Beira, formando um terço de infantaria que comandou como Mestre de campo. No Alentejo tomou parte em quase todas as batalhas e escaramuças contra os castelhanos. Em 1644 tomou a vila de Valencia de Alcántara que se manteve portuguesa até 1688.

Recebe a mercê do título de Marquês de Marialva, por decreto de 11 de Junho de 1661.

Enquanto Governador das Armas da Praça de Cascais - nomeado a 2 de janeiro de 1642 -, a partir de 1643 respondeu pelas obras de reforço da fortificação da barra do rio Tejo.

Em 1662 perante o constante perigo de novas incursões do exército castelhano foi nomeado, pela rainha regente Dona Luísa de Gusmão, Governador das Armas do Exército na Província do Alentejo. Nessa altura destacou na defesa das linhas de Elvas e comandou as tropas portuguesas na batalha de Montes Claros, juntamente com o Conde de Schomberg, onde infligiu aos espanhóis uma pesada derrota, acabando praticamente com a guerra da Restauração.

Em 1635, casou com D. Catarina Coutinho, filha dos Senhores do Morgado de Medêlo e da Torre do Bispo, D. Manuel Coutinho e de D. Guiomar da Silva, filha dos primeiros Condes do Sabugal. Do casamento nasceram sete raparigas e dois rapazes.

D. Pedro António de Menezes que foi o 4.º Conde de Cantanhede e 2.º Marquês de Marialva;

D. Guiomar de Menezes que casou com seu tio paterno D. Rodrigo de Menezes;

D. Maria Joana Coutinho que casou com D. Luís Álvares de Castro, 2.º Marquês de Cascais;

D. Isabel de Menezes, casada com D. Lourenço de Lencastre, comendador e alcaide-mor de Coruche;

D. Antónia de Menezes, D. Jerónima Coutinho e D. Maria Coutinho, que foram religiosas no convento da Esperança de Lisboa;

D. Joana de Menezes que faleceu sem estado.

Um seu descendente, teve o mesmo nome D. António Luís de Menezes (Lisboa, 8 de Janeiro de 1743 - 15 de Maio de 1807), Conde da Atalaia e Marquês de Tancos pelo seu casamento com Domingas Manuel de Noronha, nasceu em Lisboa em 8 de janeiro de 1743 e morreu em 15 de maio de 1807. Era filho do 4º Marquês de Marialva, assentou praça de cadete em 16 de dezembro de 1774 e foi promovido a

tenente em 1776, a capitão em 1777. Foi tenente da Torre de Belém e comandou como coronel o regimento da Cavalaria do Cais. Marechal de campo em 1801, foi gentil-homem da Câmara do Rei D. Pedro III de Portugal e do príncipe regente.

E donde terá vindo o António Menezes, fundador do Clube de Futebol “O Marialvas” e do Rancho dos Esticadinhos?

Registado na Igreja como António Torres Rodrigues Gomes Alves Moreno Duarte Pedrosa de Menezes, era filho de Eduardo Torres de Menezes e de Olívia Duarte Pedrosa. Teve dois irmãos – José Albino, um dos homens mais altos de Portugal que terá falecido com Insolação e Maria Isabel, de quem muito gostava e perdeu ao 14 anos.

Nasceu a 17 Agosto 1913, sua bisneta a 23 Agosto 1991 e seu trineto a 21 Agosto 2020.

Ficou órfão por volta dos 20 anos. Seu Pai terá nascido e vivido alguns anos em Lisboa e Montemor-o-Velho de quem herdou o porte garboso e distinto.

Seu Pai Eduardo, como viria a chamar seu filho primogénito, terá se evidenciado no meio rural que era, à data, Cantanhede. Teve uma pensão, a pensão Menezes de que pouco ou nada consegui saber mais pormenores já que raro falava de seus pais. Do pouco que contava reza a história que uma vez, zangado, subiu ao sótão da pensão, onde a mãe Olívia guardava os ovos, e “danado” atirou-os, um a um, para o telhado dos vizinhos. Só quando os viu todos “esborrachados” e a escorrer é que tomou consciência e pensou nas consequências...Mas dizia que a Mãe tinha as mãos suaves. Recordando sorrindo.

Outro vez, um hóspede atou, na argola de ferro que existia ao lado da porta, para o efeito, um magnífico cavalo preto, com crinas onduladas que o fascinaram. Acariciando-se com elas, disse – Parece mesmo o Cabelo do meu Pai! O pior é que o Pai ouviu e não gostou da comparação tendo-lhe dado uma valente bofetada!

O Pai dizia a quem quisesse ouvir que descendia mesmo do Conde de Cantanhede, Marquês de Marialva. Meu avô respondia-lhe que devia, certamente, ter sido feito atrás de algum palheiro, como o que lhe era cedido por um amigo na Praia, já casado com a minha avó Emma e de que tenho muitas recordações de férias, com a sua latrina fora da casa, em madeira.

Meu bisavó Eduardo foi um homem dos sete ofícios. Teve uma Barbearia – a Barbearia Menezes que mais tarde veio a denominar-se Marialva (desapareceu há alguns anos) e onde o meu Avó António trabalhava amiúde.

Cerca dos seus 20 anos, ficou sozinho com o irmão José Albino de quem se sabe ter ido para os pupilos do exército graças aos conhecimentos de seu Pai (ou avô) para lhe garantir uma boa educação e futuro.

Infelizmente morreu cedo. Foi doar sangue e no regresso apanhou uma insolação que o prostou.

Assim, sozinho e apesar de ter passado tempos difíceis, com os parentes a ficarem-lhe com os haveres, recheio da casa, pensão...continuo activo, alegre e folgazão como todos os conheciam sendo padrinho de uma incrível quantidade de miúdos em Ourentã, onde veio a viver junto com a minha avó Emma Martins Cardoso. Conheci e trabalhei com alguns desses afilhados como por exemplo o Abel das

rações sendo mesmo a sua filha minha colega de turma no Liceu e mais tarde na Faculdade de Direito de Coimbra.

António, como eu seu neto primogénito, foi porta estandarte e um dos elementos principais do Rancho Regional “Os Esticadinhos”, que tinha ajudado a fundar., era membro dos Bombeiros Voluntários de Cantanhede e guarda-redes no Clube de Futebol “Os Marialvas” do qual foi também um dos fundadores. Segundo a sua filha Teresa, sabe-se que, casado há pouco tempo, terá recebido uma proposta para Os Belenenses mas como tal implicava a ida para Lisboa, não aceitou.

Sendo também um homem dos sete ofícios, entrava nas peças de teatro que , ao tempo, se faziam com muita frequência sendo que essas participações duraram mesmo depois de meu Pai Eduardo Menezes ter nascido.

Vendeu botijas gaz, o Jornal “O diabo”, dedicou-se à compra e venda de recheio de casas e à arte sacra, enfim, fazia parte de todas as “forças vivas” de Cantanhede.

Acompanhava os ditos “meninos de bem” (ricos) nas patuscadas, passeios, caçadas...e o engraçado é que onde iam ou ficavam, ele era chamado por sr Doutor e os outros licenciados e pagantes, eram tratados como seus subalternos, mas como eram verdadeiros amigos e tinham consciência do seu porte distinto, não se zangavam e até brincavam com tal facto sem nunca prescindirem da sua companhia. Nas caçadas era sempre o que mais caçava mas dava os “louros” aos outros.

Sem dúvida que era marialva e namorado, teve muitas namoradas mas, desde que conheceu a minha avó Emma, natural da Figueira da Foz, onde a família possuía uma Oficina e vários prédios junto à praça de touros, e que vinha diversas vezes a Cantanhede com a irmã, a casa de uma cunhada, encantou-se e acabaram por casar a 17 Jan 1931.

Este amor perdurou através dos tempos e estiveram casados e felizes durante 64 anos sendo que quando a minha avó faleceu, ele, com o desgosto, pouco a pouco, foi perdendo a razão apesar de muito bem tratado pelos assistentes na Stª Casa da Misericórdia onde esteve nos seus últimos anos de vida e onde me recordo de o visitar e de umas vezes me reconhecer outras me tratar por Eduardito (o seu filho e meu pai).

Outra sua característica era o facto de versajar com extrema facilidade, filosofando em rimas.

Era ainda um coleccionador cuidadoso e atencioso de selos e moedas sendo que deu a colecção a meu Pai quando este casou e a de moedas a minha tia Teresa. Eu continuei ambas até hoje deixando-as como legado a meus filhos Raquel e Gonçalo.

Profissionalmente foi um comerciante nato. Sempre gostou de comprar e vender, principalmente antiguidades, de que, graças à prática, chegou a perceber bastante.

Teve uma lojinha de electrodomésticos mas dava pouco e fechou-a decorridos alguns anos.

Arranjou o 1º emprego nos Pascoais e Irmãos fazendo um pouco de tudo. Conduzia uma carrinha da casa mas não era bem pago apesar (ou por isso) de serem amigos de infância e juventude.

Anos mais tarde e após a morte prematura da minha mãe e o nascimento precoce da minha irmã Paula (Pabete) e o falecimento do seu irmão gémeo, foi connosco para Moçambique ter com a minha Tia Teresa e meu Pai que já lá se encontrava .

Primeiro estive na “Paixão, Irmãos e Aguiar Construtores” onde se aborrecia porque tinha pouco que fazer e depois, na Açucareira de Moçambique, no Dondo, Província de Sofala, perto da Beira, onde se sentia bem e onde me recordo de passar férias escolares em sua casa com o meu amigo da primária Paulo Mão-cheia e o acompanhar a caçadas a pombos-verdes e gazelas. No abate da primeira recordo-me de lhe dizer – avô parecia uma lebre a saltar.

Lembro também um episódio em que encontrámos, nas canas de açúcar uma exemplar pranha do Lagarto de Moçambique, da espécie *Cordylus mossambicus*, que, segundo Harith Farooq, director-adjunto da Faculdade de Ciências Naturais da Universidade de Lúrio (UNILURIO), é apenas encontrado numa área restrita, que neste caso é nos arredores do monte da Gorongosa e das montanhas Chimanimani, nas províncias de Sofala e Manica, respectivamente.

Segundo Farooq, este lagarto apresenta o estatuto de espécie protegida pela Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies da Fauna e da Flora Selvagem Ameaçadas de Extinção. Fatidicamente os empregados haviam-na matado e no seu interior encontraram 40 ovos.

Também na Açucareira de Mafambisse, parti o meu primeiro relógio, prenda de ter passado no exame da 4ª Classe com 20 valores e distinção, oferecido pelo marido da minha madrinha, ao escorregar no degrau do bar

Foi ainda na açucareira que vi pela primeira vez os lagartos Gala Gala, nome popular dado em Moçambique para o lagarto denominado agama-de-cabeça-vermelha, que subiam às árvotres e comiam os ovos das pombas e outras aves.

Dadas as circunstâncias políticas e a forma com Mário Soares e restantes elementos da sua comitiva negociaram a Independência de Moçambique, o meu avô acabou por regressar a Cantanhede em 1975 e nós em Setembro de 1976.

Aos sessenta e tal anos, claro que não arranjou emprego, ainda por cima com a preconceito interiorizado contra os retornados existente à época. Regressou, assim, ao negócio das antiguidades mantendo-se sempre activo até à morte de minha avó.

Aos 83 anos ainda ia à caça, sozinho a maioria das vezes (que nos deixava a todos aflitos) ou outras eu próprio o acompanhei aproveitando para escutar o seu enorme saber da vida.

Também era um aficionado por andar para cá e para lá, de bicicleta (roda 28 com selim de molas). E aproveito para recordar a ocasião em que em Moçambique leu no jornal, ao pequeno almoço, quem um tal de António Menezes havia ficado em 3º lugar no primeiro Ciclocross organizado pela Pastelaria Mexicana e dito para a minha avó – olha mais um f*#%& chamado António Menezes. E era eu próprio, o seu neto, que dava os primeiros passos em competições de bicicleta!

Meu avô tinha amigos e conhecidos em todo o lado e espalhados por diversos pontos do País, derivado, principalmente, aos contactos da caça, do desporto, do negócio de antiguidades...mas também por ser desinibido, afável, brincalhão e “desenrascado”. Os amigos contavam várias peripécias suas a rir como por exemplo -uma vez que ia pagar a bica que bebera reparou que não tinha a carteira, não deixou que lhe pagassem e, à socapa, apanhou uma mosca que colocou dentro da chávena e com ar repugnado chamou o empregado, reclamou e este pediu-lhe imensas desculpas e deu-lhe outra bica de graça.

Ou quando ele e os amigos regressavam de comboio da Figueira da Foz e lhes faltavam os tostões e ele ponha um botão castanho no meio das moedas de tostão também castanhas. Claro que os amigos rejubilavam com tais episódios.

“E quando ia-mos com o amigo Menezes para a piscina da Curia e ficávamos com ela só para nós pois ele fazia tal “estardalhaço” a nadar, espalhando água por todo o lado, que as pessoas preferiam sair e então ficávamos à vontade...”

Era sempre chamado para as matanças de porco, para o engarrafamento do vinho novo, para todas as festas, patuscadas, comezainas que houvesse.

No funeral da minha avô, estava completamente alheio, calado, mas logo nessa noite a minha tia recorda que começou a perder a razão. Foi chamado um psiquiatra. Esteve muito tempo com ele. Acabou por dizer à família que não havia nada a fazer, que estava completamente fora da realidade e que só iria piorar. Que teria que ser constantemente vigiado.

Como a minha Tia e o meu Tio João António trabalhavam e os horários da mulher-a-dias começavam depois de saírem e terminavam antes de chegarem, com muita pena tive que ser internado no Lar da Stª Casa da Misericórdia.

Todos os dias um dos filhos ia vê-lo e eu quando podia conforme os horários da Faculdade.

Depressa perdeu a memória e mesmo nas pequenas voltas de carro por Cantanhede já não reconhecia nada. Depressa deixou de reconhecer também os familiares. Por vezes e por breves instantes perguntava pela minha avô mas logo regressava à sua apatia.

Foram cinco anos muito sofridos.

Um dia caiu, partiu uma perna, foi operado, mas logo surgiram complicações. Faleceu a 24 de Novembro de 2001.

O funeral foi um encontro respeitoso e sentido de muita gente e mais seria não fosse num domingo e tantos só saberem depois.

Numa demonstração do homem que fora para todos, teve homenagem da Câmara Municipal, dos Bombeiros de que fora honorário até ao fim, de representantes do Marialvas, que pediram um minuto de silêncio no campo, e elementos com a bandeira dos Esticadinhos.

Com o seu nome, almejo cumprir os seus valores.